
L'OMBRA E LO SPECCHIO. PIRANDELLO E L'ARTE DEL TRADURRE. Alfredo Barbina. Roma: Bulzoni, 1998, 288 pp.

Uma das idéias mais difundidas do escritor italiano Luigi Pirandello (1867-1936), Prêmio Nobel de Literatura em 1934, é que o homem enquanto se ilude de ser *uno*, se dá conta que os outros têm dele uma visão diferente e então ele acaba sentindo-se *centomila*; além disso, para poder assumir um papel na sociedade na qual vive, deve esconder-se sob uma *máscara*, que oculta o seu verdadeiro eu, sentindo-se *nessuno*. É do autor de *Uno, nessuno, centomila* que o crítico Alfredo Barbina tira uma das máscaras, revelando-nos que Pirandello, além de dramaturgo, poeta, romancista, ensaísta, é também tradutor.

Não fugindo à regra, temos mais um escritor às voltas com o ofício de tradutor e no contexto literário italiano, poderíamos citar vários entre os grandes: de Leopardi a Ungaretti, Montale, Quasimodo, Calvino e outros.

Com esse livro, que é dividido em quatro partes (*Pirandello e*

l'arte del tradurre; L'ombra di Peter; Lo scrigno goethiano di Eckermann e L'immaginazione continua la vita), o leitor tem a oportunidade de seguir o desenvolvimento de Pirandello-tradutor, pois Alfredo Barbina procura mostrar, depois de um exaustivo trabalho de pesquisa de documentos, folhas de apontamentos, rascunhos, páginas de livros em desordem, cartas, revistas, recortes de jornais etc., não somente “o procedimento técnico, de gosto ou de cultura que acompanha o empenho de verter um texto de uma língua a outra, mas colher o *valor agregado*, individuando e definindo o quanto da matéria tratada tenha se desenvolvido ao interno da poética pirandelliana” (p 12).

E ao remexer os diversos papéis de Pirandello, na biblioteca do dramaturgo, em Roma, Barbina descobre que ali aparecem os nomes do escritor e cientista alemão nascido na França Adalbert von Chamisso (1781-1838); de Goethe e do filósofo francês Gabriel Séailles. O autor de *Il fu Mattia Pascal* traduziu principalmente autores de língua alemã. Isso, provavelmente, deveu-se ao fato de ter vivido entre 1881 e 1891 em Bonn, onde estudou filosofia e doutorou-se com uma tese

sobre o dialeto de Agrigento, (Sicília).

Vale notar que ao apresentar essas traduções, Barbina procura estabelecer a relação do escritor siciliano com os autores traduzidos, mostrando as possíveis influências dos mesmos na produção literária de Pirandello.

Ao longo de *Pirandello e l'arte del tradurre*, percebe-se que há um esforço de Alfredo Barbina em traçar o percurso tradutório do escritor de *Enrico IV* (1922). Assim, descobrimos que o primeiro contato de Pirandello com a tradução foi em 1886 quando, em uma carta endereçada ao companheiro de estudos Giuseppe Schirò, afirma “traduco una comedia de Aristofane. *Le nuvole*” (p. 25). Interessante notar a presença de apenas um autor grego influenciando os escritos pirandelianos, e a ausência de nomes como Sófocles e Eurípides, que nas palavras de Otto Maria Carpeaux “são hoje força das mais vivas do teatro moderno, influências permanentes”.

Prosseguindo, temos a transcrição e tradução de alguns fragmentos da *Arte Poética*, de Horácio, assim como a tradução de algumas fábulas de Lessing, publicadas em 1893 num jornal para crianças, chamado *Cenerentola*. Essas tra-

duções são, de acordo com Barbina bastante livres, diferentemente, contudo, da tradução que Pirandello fará do poema “La notte” de Hölderlin, que “respeita o original” (p. 47), ou ainda, da tradução literal que fez de algumas partes da obra de Heine que, para o escritor italiano, era o poeta estrangeiro que mais o havia comovido (p. 54).

Além de dedicar-se à prática tradutória, Pirandello também interessou-se por teoria da tradução, especialmente a de alguns autores italianos, como Niccolò Tommaseo, Leopardi e Croce. Segundo Barbina, é a partir dessas leituras teóricas que o autor de *Così è (se vi pare)* começa a sistematizar as suas próprias idéias sobre a poética da arte de traduzir (p. 72).

As concepções de Tommaseo (1802-1874), por exemplo, que se encontram no capítulo XXII de *Bellezza educatrice*, dedicado à arte e às regras de traduzir que diz “il traduttore deve essere fedele senza servilità e libero senza licenza”, ou ainda “ritenere lo spirito dell'autore e non rinnegare il suo proprio, conservare l'indole della lingua da cui traduce e non travisare la sua; dar sentore anco dei difetti dell'originale, ma non porre troppa cura a ritrarli”, serão

retomadas por Pirandello em dois de seus escritos: “Sincerità e arte” e “Soggettivismo e oggettivismo nell’arte narrativa”.

Já o conceito usado por Pirandello sobre a arte de traduzir, expresso no seu ensaio “Illustratori, attori e traduttori”, de 1908, refletirá a mesma idéia de Croce sobre tradução presente na *Estética* (1902), ou seja, “non è possibile ridurre ciò che ha avuto già la sua forma estetica ad altra forma, anche estetica, e che ogni traduzione quindi o sminuisce o guasta”. Portanto, tanto para Croce como para Pirandello, existe a impossibilidade de reproduzir a expressão original, podendo apenas ser produzida uma expressão semelhante, mais ou menos próxima da original (p. 85).

Da teoria volta-se à prática, pois as três últimas partes do livro concentram-se na apresentação das traduções que Pirandello fez de “Pietro Schlemihl”, de Chamisso (pp. 106-117); das “conversas de Goethe com Eckermann” (pp. 141-212) e, finalmente, do ensaio “Le Génie dans L’Art”, de Gabriel Séailles (pp. 273- 288).

Dos papéis desordenados de Pirandello e da descoberta desses inúmeros autores traduzidos, percebe-se que, de alguma maneira, todos, em maior ou menor escala, contribuíram para o enriquecimento cultural, estético, artístico e literário do autor agrigentino.

Além disso, este livro mostra ser o resultado de um minucioso trabalho de pesquisa, que vai além da mera sistematização e transcrição dos escritos dispersos e caóticos de Pirandello, pois Alfredo Barbina recorre ora à crítica genética, ora à crítica tradutória, ora à crítica literária, bem como faz um trabalho de reflexão quando tenta individuar e associar as possíveis influências de Chamisso e Séailles em dois temas recorrentes na obra pirandelliana: a sombra (*ombra*) e o espelho (*specchio*).

Finalmente, pode-se dizer que esta obra será uma referência obrigatória para os estudiosos de Pirandello, bem como para todos nós leitores, tradutores e pesquisadores ávidos de informações sobre um dos grandes renovadores do teatro moderno.

Andréia Guerini
UFSC